

**MEMÓRIA DE PEDRA: OS MONUMENTOS E A CONSTRUÇÃO DE UMA  
IDENTIDADE REPUBLICANA**

**(Natal 1905-1922)**

Diego Souza de Paiva  
UFRN

[domdiegosouza@hotmail.com](mailto:domdiegosouza@hotmail.com)

Raimundo Nonato Araújo da Rocha  
UFRN

[raimundononatorocha@yahoo.com](mailto:raimundononatorocha@yahoo.com)

Tendo em vista que a intenção mais ampla do presente GT é a de discutir as possibilidades de uso de documentos para pensar memórias e identidades inscritas no espaço da cidade, este breve artigo (talvez muito mais um ensaio), vem trazer uma proposta de trabalho dissertativo que, acredito, se enquadre perfeitamente nesse universo proposto de discussões. De uma forma geral, a proposta do trabalho (que se constitui num projeto de mestrado) é tomar os monumentos que marcam o espaço do “centro histórico” da cidade do Natal - erigidos no início do século XX -, para pensar de que forma eles plasmam nos espaços que constroem uma memória e uma identidade republicanas.

**Considerações preliminares**

Levando em consideração que a perspectiva desse Encontro de História é a de debater e discutir sobre as possibilidades teórico-metodológicas da pesquisa histórica em relação aos documentos, colocamos aqui em discussão a nossa proposta de trabalho expressa no nosso projeto de dissertação, que é a de utilizar como objeto e documento particular, os monumentos. Mas antes que nos detenhamos especificamente nas nossas intenções teórico-metodológica, faz-se necessário traçar antes algumas linhas sobre o projeto de dissertação.

Basicamente, a idéia mestra aqui é estabelecer como a experiência do governo republicano, na cidade do Natal, no início do século XX, construiu e se construiu enquanto identidade e memória através dos monumentos. Na ocasião do estabelecimento de um novo regime político, que, obviamente, procurava se afirmar por oposição ao que sucedia, nos questionamos sobre como um dado arquivo de signos, símbolos e afetos é mobilizado para se instituir e se plasmar no espaço da cidade novas idéias, novos valores, uma nova tradição, uma nova identificação, uma nova memória.

O interesse por essa temática nasceu, acredito, de um interesse anterior por esse espaço da cidade, particular por sua conformação arquitetônica (predominantemente neoclássica) e pela presença das praças e dos monumentos, instigadores de minha curiosidade. Não posso negar também um certo deslumbre, algo do *pathos* filosófico, desse espanto que é tão difícil de traduzir com palavras, mas que talvez tenha a ver, nesse caso, com uma certa aura de passado que o ambiente de um “centro histórico” parece encarnar, e em relação aos monumentos, dado que a princípio eu não tinha muitas referências, talvez o que mais marcasse fosse, sobretudo, o que o professor Ulpiano diz, num artigo sobre a visualidade<sup>i</sup>, “a autoridade intrínseca da imagem. Autoridade independente do conhecimento, mas derivada do poder que [atribuí] efeito demiúrgico ao próprio objeto visual”. E isso me faz lembrar de Yi Fu-Tuan, no seu livro Espaço e Lugar, no qual ele trabalha essa relação espacializante do corpo, ou seja, o corpo como nossa mais primária fronteira espacial que, por direções e posturas já constrói sistemas de valores (a valorização do lado direito, associado a coisas boas, em detrimento do esquerdo, a valorização do que é central, do que é alto, como sinônimo de superior, de divino até, enfim); e nesse sentido, o monumento enquanto objeto que impõe uma centralidade do olhar e que se ergue a uma altura superior a comum, já impõe, para além das referências que evoque, valores, uma certa autoridade. Mas não adentremos já nos nossos argumentos, delimitemos ates nossa proposta de trabalho.

Nossas preocupações partem, pois, da tomada da região do “centro histórico” da cidade do Natal (Compreendendo os bairros da Cidade Alta e da Ribeira, que basicamente, constituíam toda a cidade até o início do século XX), como objeto para pensamos a construção, nesse começo de século, de uma memória republicana. Tomando a cidade como texto, voltamos nossas atenções para os monumentos (signos de pedra) que foram erigidos no início do regime republicano, para pensarmos de que forma o novo governo mobilizou símbolos para fundar uma nova memória. A idéia

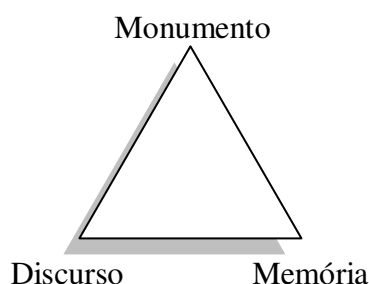
então é se debruçar sobre o que seria uma “retórica” dos monumentos (retomaremos a discussão sobre a retórica mais adiante), lidos em sua dimensão discursiva. Estudar o que nos querem dizer, nos signos, alegorias, metáforas e metonímias que plasmam. Isso levando-se em consideração, precisamente, que eles “querem” nos dizer algo, uma vez que foram feitos para isso, para afetar num sentido preciso. O monumento como texto, como discurso, político, pedagógico, cívico, social, estético, simbólico e material. Além disso, para que não nos restrinjamos a uma análise puramente hermenêutica dos monumentos, nos propomos também a pensar o “contexto” de sua instauração, os expedientes que os institucionalizam, as práticas (inaugurações, comemorações) que marcam no tempo a presença dessas materialidades que, por sua vez, marcam o espaço.

Poderíamos elaborar nossa proposta nos termos da seguinte questão: como o governo republicano, no início do século XX, na cidade do Natal, se valeu de todo um “arquivo” ou de toda uma “gramática” de símbolos, inseridos numa prática de monumentalização, para plasmar na cidade uma nova memória republicana?

### **Esculpindo monumentos**

Tentemos adentrar agora na senda da nossa proposta de trabalho em relação aos monumentos – o objetivo maior desse artigo. No intuito de perceber como se constrói a simbologia de um sistema político na sua afirmação e legitimação, a idéia é tomar, como já frisamos, os monumentos como discurso, o que pode ser sintetizado no que chamamos de “retórica estética do monumento”; ou seja, a forma como a pedra encarna uma dada mensagem a partir das suas formas, das alegorias, metáforas e metonímias etc. O monumento como “sistema de significação”, como definia Umberto Eco<sup>ii</sup>, ou seja, uma materialidade que se dá à percepção e que remete a códigos. A intenção então é justamente estabelecer que gramática de símbolos, de códigos é essa, mobilizada para que se rasgue o espaço com essas materialidades de pedra, no intuito de construir uma identidade através de uma memória particular. Pensando o monumento dessa forma, inserimos essa nossa fonte numa tríade conceitual: Monumento-Discurso-Memória, considerando o monumento como discurso que institui uma memória, e sendo memória e discurso também eles monumentos. O artefato-monumento será pensado, pois, não só na sua dimensão estética, enquanto inscrito dentro de determinada tradição, mas também dentro de uma dimensão retórica, de mobilização de símbolos, de afetividades,

de intenções (uma vez que também se constitui linguagem), e por fim, pensado em sua dimensão essencial de monumento, qual seja, a de memória, de *monere* (advertir, lembrar), daquilo que trás à lembrança alguma coisa<sup>iii</sup>. Uma figura geométrica talvez interessante para pensar essa tríade conceitual seja justamente um triângulo equilátero, que pode, sem prejuízo, ser girado à medida que cada termo particular for analisado – a localização do Monumento no topo é apenas uma opção referencial.



Para tomar os monumentos nessas dimensões, se faz necessário se municiar de algumas referências específicas, que digam respeito à sua dimensão de memória, de discurso e estética<sup>iv</sup>.

Começemos pela memória. Para falar em memória é necessário antes de tudo historicizar esse conceito, pois que os homens nem sempre recordaram as mesmas coisas da mesma forma. Para dar conta desse trajeto percorrido pela memória nos valeremos de dois textos: o de Jacques Le Goff, *História e Memória*, no qual uma verdadeira história da memória é traçada a partir de suas várias dimensões, desde as sociedades sem escrita, passando pela antiguidade até o século XX; e o de Frances A. Yates, intitulado *A arte da Memória*, um clássico estudo sobre as técnicas de memorização que precederam ao advento da imprensa. O percurso aqui partirá dos gregos, onde a clássica arte da memória nasce associada à retórica, passando pelas suas transformações medievais, pelas formas exotéricas que assume no Renascimento, até o século XVII. Esses textos, além de nos apresentarem um quadro sobre a noção de memória, nos fornecem preciosas informações sobre as diversas técnicas que ao longo do tempo vem sendo utilizadas, técnicas que, longe de serem tão somente superadas (como talvez se queira crer com o advento da imprensa), na nossa opinião, se reatualizam, se adaptam, se insinuam em novas práticas. Como exemplo, poderíamos

afirmar que, a necessidade de criar lugares físicos para “abrigar” a memória (como os com os quais pretendemos trabalhar) provavelmente se remete à antiga técnica mnemônica grega de imprimir na memória uma série de locais e lugares. Mas não antecipemos nossas hipóteses (se é que a elas já se pode dar tal nome), voltemos ao nosso conceito.

No âmbito das ciências sociais, não haveríamos como negligenciarmos o texto de Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*. Aqui, o autor nos chamará a atenção para a necessidade de pensar o problema da evocação e da localização das lembranças sempre inseridos dentro dos quadros sociais que servirão de ponto de referência, para a construção das memórias. Fará ainda Halbwachs uma distinção básica entre a “memória histórica”, que pressuporia uma reconstrução de dados fornecidos pelo presente e projetada num passado reinventado, e a “memória coletiva”, propriamente dita, que, através de seus recursos tenta recompor “magicamente” o passado. Embora a perspectiva mais sociológica do autor durkheiminiano não nos sirva de inspiração, acreditamos que muitas de suas considerações sobre a memória histórica e sobre a localização dessa memória, possam nos ser úteis para pensar os nossos lugares de memória.

E já que falamos em lugares de memória, não poderíamos deixar passar a oportunidade de nos referir ao famoso texto do historiador francês, Pierre Nora<sup>v</sup>. Em seu artigo sobre os *lugares de memória*, Nora estabelece a oposição entre “memória” e “história”: a primeira enquanto prática viva, fenômeno sempre atual, que estabeleceria um vínculo vivido numa espécie de presente eterno; a segunda, como reconstrução problemática e incompleta do que não é mais, como mera representação do passado. Com o advento da história, então, a memória não mais existiria de forma plena, e o apelo aos lugares de memória seria justamente essa tentativa de preservá-la, mesmo que residualmente.

Obviamente Nora está trabalhando com a realidade específica da Europa e, sobretudo da França no começo do século XX, e por isso acreditamos ser necessário tomar suas considerações com cautela, até porque acreditamos (e essa talvez seja uma das nossas hipóteses) que a criação de lugares de memória no início do regime republicano no Brasil, e mais especificamente na cidade do Natal, não esteja ligada à perda da memória – que inclusive no texto de Nora parece ser supervalorizada – mas

sim à afirmação de uma nova memória que intentava se contrapor aos elementos de uma memória imperial, uma prática que visava mesmo fundar uma nova tradição para se afirmar e legitimar em sua particularidade.

Por fim, um último texto que poderíamos citar para o nosso trato com a memória seja o sexto capítulo do livro *A História*, de François Dosse, intitulado *Uma história social da memória*. Aqui, basicamente, temos uma retomada crítica de uma bibliografia clássica sobre a memória, desde Bergson, passando por Halbwachs, Nora, e apontando os novos caminhos percorridos pelas discussões sobre a memória que, inclusive, questionam a pertinência da oposição “canônica” estabelecida por Nora entre história e memória<sup>vi</sup>.

Passando agora para a dimensão do discurso, não podemos deixar de fazer referência a dois textos. Esse conceito será entendido como prática, como acontecimento que nos fala de um dado lugar social, como estabelecia Certeau (2002); como algo que, por fim, não só poderia traduzir lutas e conflitos, mas, sobretudo, algo pelo que e com o qual se luta, “... o próprio poder de que procuramos assenhorarmos” (FOUCAULT, 1996). Os monumentos, assim, entendidos como discurso, e analisados a partir das intenções que encarnariam, poderiam ser tomados justamente dentro dessas perspectivas que giram em torno do conceito. Mas apenas tomar esses referenciais é pouco diante das nossas pretensões de não só explorar a dimensão retórica da estética do monumento, mas propor uma análise que se pautasse nessa relação. Tendo isso em vista, procuraremos nos valer de uma bibliografia que explora a dimensão retórica da linguagem, desde estudos clássicos, como o de Aristóteles, Vico, Cícero, Nietzsche, passando por trabalhos mais recentes (pós-*virada lingüística*), Roland Barthes, Hayden White, até aqueles trabalhos mais especificamente teóricos, expressões da retomada do estudo sobre a retórica, como o de Chaïn Perelman, Michel Meyer, Luiz Costa Lima e Américo de Souza<sup>vii</sup>. Enfim, a intenção aqui é se municiar dos elementos do estudo da linguagem para propor uma interpretação dos monumentos.

Adentramos por fim na nossa última dimensão, que é a estética, dimensão em relação à qual nossos horizontes são mais estreitos. Tendo em vista que a opção de explorar essa dimensão no trabalho é bastante recente, nossas referências são ainda impressionistas, especulativas. O que temos é apenas um levantamento bibliográfico, em parte colhido nas referências do livro o “Sol do Brasil”, por indicação da professora

Lilia Schwarcz. Teríamos: do historiador da arte, Ernst Gombrich, *História da Arte, Arte e Ilusão e Normas e formas*; de Heinrich Wölfflin, *Conceitos fundamentais em história da arte*, de Erwin Panofsky, *Significados nas artes visuais*; de Michel Baxandall, *Padrões de intenção*; e por fim, de Edgar Wind, *A eloquência dos símbolos*.

### Considerações finais

Como já expusemos no início desse artigo, nossa intenção aqui foi a de apresentar uma proposta de trabalho com os monumentos, e enquanto proposta, nosso artigo se revela muito mais indicativo e especulativo que propriamente conclusivo em algum ponto. Na verdade, a intenção maior aqui foi a de expor as intenções de trabalho às críticas e sugestões dos membros do Grupo de Trabalho, no intuito de discutir os aportes teórico-metodológicos em relação ao objeto e melhor fundamentar as dimensões de análise.

### Notas

---

<sup>i</sup> ULPIANO, T. Bezzera de Meneses. *Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, proposta cautelares*. Revista Brasileira de História. V. 23 n. 45 São Paulo jul. 2003.

<sup>ii</sup> A definição de processo ou sistema de significação é desenvolvida por Ecco em seu “Tratado Geral de Semiótica”.

<sup>iii</sup> A definição de monumento é de Françoise Choay, em seu “A alegoria do Patrimônio”.

<sup>iv</sup> Que fique claro que a separação dessas dimensões só é possível no nível da análise, uma vez que são indistintas na materialidade do monumento.

<sup>v</sup> Aqui nos referimos especificamente ao artigo introdutório publicado pela Revista do programa de pós-graduação em história e do departamento de história da PUC/SP, intitulado *Entre Memória e História: o problema dos lugares*.

<sup>vi</sup> Embora tenhamos nos restringido a esses textos na nossa discussão teórica, registre-se aqui ainda os artigos de Michael Pollak, e dois textos sobre os quais ainda temos intenção de nos debruçar: o último livro lançado pelo Paul Ricoer, *História, Memória, Esquecimento*, o livro *Seduzidos pela Memória* de Andreas Huyssen.

<sup>vii</sup> Vide todas as referências na bibliografia.

---

## **Bibliografia**

ARISTÓTELES. *Retórica*. Madrid: Alianza, 1999.

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica, In: *A Escrita da História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universidade, 2002.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 3.ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CÍCERO, Marco Túlio. *Do Orador*. Lisboa: Res Editora, 1992.

DOSSE, François. *Uma história social da memória*. In: *A História*. Bauru, Edusc, 2003.

ECCO, Umberto. *Tratado geral de semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GOMBRICH, E. A. *A História da Artes*. 16ª ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. *Arte e Ilusão: Um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Norma e forma: Estudo sobre a arte da Renascença*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Betriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (org). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 (Coleção Pensamento Crítico; v.55).

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5º Ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003.

MEYER, Michel. *A Retórica*. São Paulo: Ática, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Da Retórica*. Lisboa: Vega, 1999.



---

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PERELMAN, Chaïn. *Retóricas*; tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

\_\_\_\_\_. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Sol do Brasil: Nicolas Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SOUZA, Américo de. *A Persuasão: estratégias para uma comunicação influente*. Universidade da Beira Interior, (tese de mestrado em Ciências da Comunicação). Março, 2000.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001 (Ensaio de Cultura; 6)

WIND, Edgar. *A eloquência dos símbolos*. São Paulo: Edusp, 1997.

WOLFFLIN, Heinrich. *Conceitos fundamentais em história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VICO, Giambattista. *Elementos de Retórica*. Madrid: Trotta, s/d.

